

# Uma análise acústica da palavra “este” do espanhol em função metadiscursiva

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i1.2369>

**Telma Aparecida Félix da Matta Ccori<sup>1</sup>**

## Resumo

No presente trabalho, analisamos comparativamente as características acústicas da palavra morfológica *este* da língua espanhola em uso metadiscursivo (*filler*/marcador discursivo) com as que se observam para a mesma em uso referencial (adjetivo/pronome). O objetivo da análise é verificar se, em uso metadiscursivo, a palavra apresenta regularidades quanto aos parâmetros F0 (frequência fundamental) e duração, do mesmo modo como em uso referencial, e se possíveis irregularidades são previsíveis. Nossa hipótese é que, em uso metadiscursivo, encontram-se diferentes padrões de F0 e duração para a palavra, sendo que cada um deles corresponde a um distinto matiz semântico-pragmático. A investigação se insere dentro do domínio dos estudos prosódicos, utiliza procedimentos da Fonética Experimental, e também recorre a subsídios da Psicolinguística para a interpretação qualitativa dos dados.

**Palavras-chave:** prosódia; marcador discursivo; língua espanhola.

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; [telma.matta@usp.br](mailto:telma.matta@usp.br); <https://orcid.org/0000-0001-9015-7295>

## An acoustic analysis of the Spanish word “este” in metadiscursive function

### Abstract

In the present work, we analyze acoustic characteristics of the Spanish word *este* in metadiscursive use (filler / discursive marker) and in referential use (adjective / pronoun). Our objective is to verify if, in metadiscursive use, the word *este* presents regularities regarding the parameters F0 (fundamental frequency) and duration, in the same way as in referential use, and if possible irregularities are predictable. Our hypothesis is that in metadiscursive use we can find different patterns of F0 and duration for the word “*este*”, each of which corresponding to a distinct semantic-pragmatic nuance. The work falls within the domain of prosodic studies, we use procedures of Experimental Phonetics, and subsidies of Psycholinguistics for the qualitative interpretation of the data.

**Keywords:** prosody, fillers, Spanish.

### Introdução

O objeto de estudo do presente trabalho é o comportamento prosódico da palavra *este* da língua espanhola em uso metadiscursivo.

Na literatura, a palavra é analisada como um sinal de hesitação (ZORRAQUINO; PORTOLÉS, 1999), contudo, a maneira como se entende a expressão de hesitação por meio da partícula é um tanto distinta. Autores como Martín-Butragueño (2003) consideram que *este* funciona como um articulador do discurso, de maneira semelhante a outros marcadores como *mira/oye, o sea, etc.* Para Martinez, Urdaneta e Domínguez (2003), entretanto, a partícula funciona à semelhança de uma pausa preenchida.

Na investigação ora levada a cabo propomos que ambas as maneiras de entender o funcionamento metadiscursivo de *este* em língua espanhola são válidas.

### A formação lexical *este* como som preenchedor de pausa

Embora possa parecer e soar estranho aos ouvidos do falante nativo de português, o fato de ter-se a sequência sonora *este* também constituindo um significante em língua espanhola não é de nenhuma forma um entrave para seu funcionamento como som preenchedor de pausa; fenômenos similares se constatam em outras línguas, como a japonesa, por exemplo. Watanabe e Rose (2012, p. 480, tradução nossa) observam que: “Pausas preenchidas (às vezes chamadas *fillers*) envolvem a articulação de algum som durante a postergação da pronúncia de uma palavra. O som pode consistir em outra

palavra (por exemplo, o *filler* *este* do espanhol, ou o do japonês *ano*, que equivale a palavra *that* [aquele] do inglês)".<sup>2</sup>

O russo é um outro exemplo de língua em que um demonstrativo também pode funcionar como articulador no nível discursivo, mais especificamente, à maneira de um apelativo (PODLESKAYA, 2010, p. 20):

(01) Russian  
Eto samoe, já vot čto xoč-u skizat.  
PH.nom.n.sg PH.nom.n.sg I.nom here what want-pres.1.sg say.inf  
'PH [Look], here is what I want to say ...'

Na glosa em língua inglesa, a autora traduz o “este” enfático do russo por meio da expressão “look”, equivalente a “olha”, mas que, por ser enfática, poderíamos equiparar à expressão “veja bem”.

Em relação aos incipientes estudos sobre o funcionamento dos *fillers* nas línguas ocidentais, Fox (2010, p. 2, tradução nossa) considera que “Talvez porque o inglês e as outras línguas europeias ocidentais tendem a usar *fillers* que não possuem [...] morfologia (preferindo, em lugar disto, sons vocálicos como pausa preenchida), os linguistas sempre apresentaram a tendência de ignorar o significado destas formas”.

Cabe observar que, mesmo em relação a uma língua como o inglês, em que os *fillers* são constituídos por vocalizações, como “uh” e “um”, há indícios de que o funcionamento destes sons encontra-se tão circunscrito no sistema linguístico quanto se encontra, em sua respectiva língua, um *filler* que possua morfologia.

A comum existência de mais de um *filler* em qualquer que seja a língua é utilizada por Clark e Fox Tree (2002) como argumento em favor da análise segundo a qual estes são *fenômenos convencionais* (e não naturais). De acordo com os autores, “‘Uh’ e ‘um’ são convencionais no inglês. São parte daquilo que se aprende quando alguém aprende inglês. Os falantes de inglês como segunda língua frequentemente importam os *fillers* de sua primeira língua [o que constituiria um erro na língua alvo].”<sup>3</sup> (CLARK; FOX TREE, 2002, p. 93, tradução nossa).

---

2 No original: “Filled pauses (sometimes called fillers) involve the articulation of some sound during the delay. The sound may resemble an actual word (e.g., in Spanish, *este* [...] or in Japanese, *ano* ‘that’) or be a non-lexical formation (e.g., in English, *uh* or *um*)”.

3 No original: “uh and um are conventional for English: they are part of what one learns when one learns English. Speakers of English as a second language often import the fillers from their first language”.

Clark e Fox Tree (2002) notam que, assim como em inglês a oposição entre os *fillers* *uh* e *um* corresponde ao contraste 'relativamente + breve' ou '+ longo', ou atende a demandas de variação de registro (formal x informal), "em outras línguas, os *fillers* contrastam em outras dimensões."<sup>4</sup> (CLARK; FOX TREE, 2002, p. 92, tradução nossa). A este respeito, os autores fazem menção a trabalhos desenvolvidos sobre línguas como o japonês<sup>5</sup>.

Uma das propostas de análise para os *fillers* do japonês é a de Sadanobu e Takubo (1995, apud WATANABE, 2003). Segundo os autores, "ano" é utilizado quando o falante presta atenção especial à *forma* linguística, em contextos de interação verbal com pessoas desconhecidas, na qual a temática da conversação não demanda uma resposta preferível do ponto de vista do *conteúdo*, porém não costuma ser utilizada quando a marca de hesitação não supõe um cuidado especial com a forma, como quando o falante pensa consigo próprio. Ao pensar consigo mesmo, o falante de japonês optaria pelo *filler* "eto", usando-o, por exemplo, quando se está realizando uma atividade cognitiva como o cálculo (SADANOBU; TAKUBO apud WATANABE, 2003, p. 2474).

## Prosódia e Análise do Discurso

A proposta de analisar acusticamente ocorrências de este em uso metadiscursivo tem o objetivo de lançar luzes sobre a complexidade pragmaprosódica do fenômeno, e é inspirada em um trabalho sobre a palavra morfofonológica do inglês *anyway*, originalmente desenvolvido por Ferrara (1997), e discutido por Wennerstrom (2001).

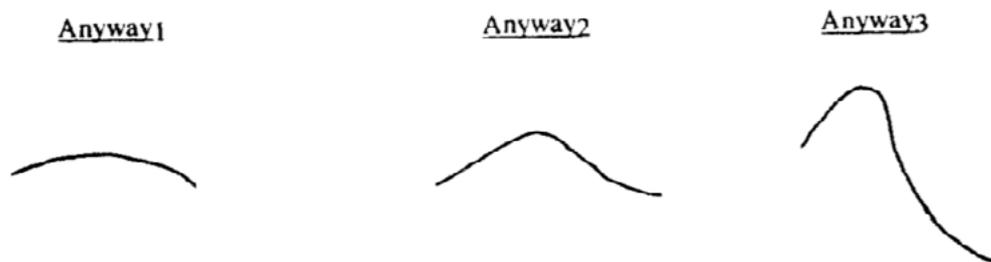
Em sua pesquisa, a autora colocou em evidência o fato de a palavra apresentar características prosódicas particulares a depender de seu valor de uso, sendo considerados dois usos adverbiais e um uso como marcador discursivo. Conforme nota a autora, "the three types of *anyway* carry different intonational patterns"<sup>6</sup> (WENNERSTROM, 2001, p. 123):

---

4 No original: "in other languages fillers contrast on other dimensions as well".

5 Os autores citam o trabalho de Emmet (1988): " 'Ano(o)' is more than "um': interactional functions of ano(o) in Japanese conversation".

6 Os três tipos de *anyway* portam diferentes padrões entoacionais.



**Figura 1.** Três diferentes contornos entoacionais para a sequência segmental *anyway*

Fonte: Wennerstrom (2001, p. 123)

A autora constata que a primeira curva melódica corresponde a um uso 'adverbial-aditivo' de *anyway*, cujo significado seria então semelhante a *besides* (<<além de>>, <<además>>). A segunda curva observada diz respeito a um distinto uso adverbial, classificado como 'adversativo', no qual a palavra equivale à "*nonetheless*" (<<não obstante>>, <<a despeito de>>).

Quanto ao terceiro uso, classificado como 'resumptivo', correspondente à categoria marcador discursivo; a descrição dada é a de que "ele [o marcador *anyway*] subitamente sinaliza um 'resumo' da tendência de pensamento do narrador (WENNERSTROM, 2001, p. 121, tradução nossa).

Investigações semelhantes às de Ferrara recentemente têm sido levadas a cabo no âmbito da linguística hispânica. É o caso, por exemplo, do estudo de Martínez-Hernandez (2016), feito sobre a partícula articuladora do discurso *bueno*. Em seu trabalho, a autora procura correlatos acústicos para três funções pragmáticas do marcador que anteriormente haviam sido identificadas por Zorraquino e Portolés (1999, p. 4162, 4176, 4193): marcador de 'modalidade deontica', 'enfocador de alteridade' e 'partícula metadiscursiva de abertura de diálogo'.

Diferentemente da análise de *anyway* feita por Wennerstrom, na qual também se contemplam os usos da palavra chamados 'lexicais' (isto é, os usos em que a palavra é reconhecida como pertencente à categoria léxico-gramatical 'advérbio'), no estudo de Hernandez (2016), a palavra *bueno* constitui objeto de estudo exclusivamente como marcador discursivo, não sendo levadas em consideração, nas mostras de fala analisadas pela autora, as ocorrências adjetivais da palavra.

(02) G: sí↓ está bueno/ el Jotabé siempre está bueno (RISAS)  
 E: sí↓ además si estuviera fresquito estaría mejor ¿no? ¿o qué?  
 G: no↓ a mí me gusta– hay gente quee *bueno* pues se lo afloja con hielo  
 [L.15.A.2: 1134-1138]

(HERNÁNDEZ, 2016, p. 81)

Apesar da ocorrência adjetival da palavra na primeira fala do trecho de diálogo apresentado acima, apenas *bueno* enquanto marcador discursivo é grifado (terceira fala) pela autora, o que evidencia o escopo de sua investigação.

Neste último, o uso de *bueno* reflete o característico sentido concessivo dos marcadores que expressam acordo com o interlocutor, por meio dos quais se busca atenuar as conclusões expostas pelo falante, antecipando o acordo com o interlocutor e consigo mesmo (HERNÁNDEZ, 2016, p. 81, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Hernandez opõe o uso do marcador em (01), acima, classificado como de modalidade deôntica, aos seus usos em (02) (5 e 6 no original), exemplos em que *bueno* se classifica como uma partícula metadiscursiva.:

(03) a. A: ¿ya puedo?/ ¿ya puedo poner la lavadora?

C: *bueno bueno* vale↓

[140.A: 173-174]

b. A: *bueno* entonces Javier↑ ¿qué?// ¿cómo te va?

[H.38.A.1: 68]

(HERNÁNDEZ, 2016, p. 81)

Em relação ao uso da palavra em (2a), a autora entende que *bueno* “é [...] uma partícula reativa”<sup>8</sup> (2016, p. 82, tradução nossa), sendo a reação expressa pelo falante a de alguém que manifesta concessão com o objetivo de resolver uma questão, ou fechar um tema que, no diálogo, vinha sendo um objeto de insistência do interlocutor. Quanto ao segundo uso, em (3b), considera que serve para sinalizar o início da interlocução.

O uso de *bueno*, em (3), é classificado por Zorraquino e Portolés (1999, p. 4191) do mesmo modo que a partícula *este*. Os autores consideram que

---

7 No original: “Este último uso de *bueno* refleja «el sentido concesivo característico de los marcadores que expresan el acuerdo con el interlocutor» (Martín Zorraquino y Portolés 1999: 4165) y que[...] tratan de atenuar las conclusiones expuestas por el hablante anticipando el acuerdo con el interlocutor y consigo mismo.”.

8 No original “es [...] una partícula reactiva”

As partículas se encontram claramente vinculadas aos elementos estruturadores da informação [...] e com os reformuladores [...]. Os marcadores metadiscursivos constituem enunciados autônomos. Ocorrem destacados por pausas mais marcadas do que as que afetam a maior parte das partículas.<sup>9</sup> (ZORRAQUINO; PORTOLÉS, 1999, p. 4191, tradução nossa).

A distinção entre marcadores discursivos e metadiscursivos, delineada por Zorraquino e Portolés (1999) na passagem acima, é aplicada na categorização de distintos usos de *bueno*, porém o mesmo não se verifica em relação à partícula *este*.

As análises acústicas realizadas no presente trabalho visam ao reconhecimento de que também a partícula *este* pode ser empregada pelo falante de variadas maneiras na articulação discursiva.

Apesar de termos também incluído amostras da realização lexical (ou referencial) de *este* (*pronome/adjetivo demonstrativo*) em nosso *corpus*, tais amostras servem fundamentalmente como grupo de controle para a análise das ocorrências da palavra em uso não-referencial – aos quais genericamente nos referiremos como metadiscursivos.

A identificação de contrastes acústicos entre uso referencial e não referencial, de palavras que também funcionam na articulação discursiva (*bueno, ahora, no, este*), pode ser mais bem apreciada em reportes de investigações como as de Martínez (2004), especificamente voltadas para esta temática.

Em relação ao presente trabalho, deve-se destacar que a hipótese que o norteia é a de que, por meio da prosódia, é possível detectar diferentes matizes pragmáticos da função metadiscursiva de *este*, do mesmo modo como a função metadiscursiva pode ser diferenciada da função referencial; acreditamos que em ambos os casos as diferenças de uso possuem correlatos acústicos.

Os objetivos traçados para uma possível validação da hipótese foram: 1) verificar se, na linguagem oral da variedade mexicana de espanhol, a palavra morfológica *este* apresenta regularidades quanto aos parâmetros F0 e duração em uso metadiscursivo; 2) verificar se estas regularidades são paralelas às observadas no uso referencial da palavra; 3) averiguar se possíveis irregularidades podem constituir correlatos acústicos de diferentes valores pragmáticos internos ao uso metadiscursivo.

---

9 No original: “las partículas se hallan[...] claramente vinculadas con los elementos estructuradores de la información [...] y con los reformuladores. [...] Los marcadores metadiscursivos constituyen enunciados autónomos. Van destacados por pausas más marcadas que las que afectan la maior parte de las partículas.”.

## Estudos prévios acerca da palavra *este* com valor metadiscursivo

Dentre os trabalhos que tomam a classificação de Zorraquino e Portolés (1999) como ponto de partida, encontra-se o de Dexy Galué (2002, p. 42, grifos meus), sobre o espanhol falado na cidade de Caracas, na Venezuela:

- (04) Conozco gente que estudia en La Central, ¿no?// estee ///no sé //  
este → // me parece que loh // que- la-las personas que estudian en  
La Católica, ¿no? Este // se- son unas personas que son más incli-  
nadas a- a ser menos protestatarias / este → [...] cabezas  
caliente → ,/ cualquiera de esos → / incluso son más sumisas// ¿no?  
**Este** →/ con todos estos problemas del- de- de- de la Constitución/

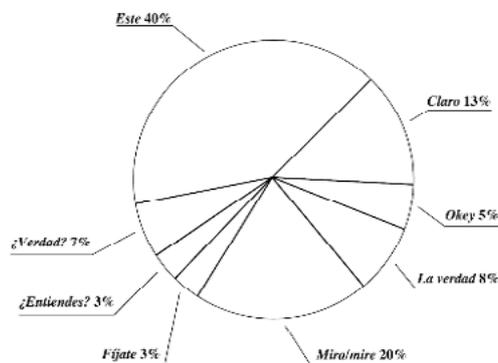
Gaulé (2002, p 2) considera que a função do *este*

[a função do *este*] metadiscursivo é orientada à *marcação de pausas* realizadas pelo falante para pensar entre uma sequência e outra, e manter deste modo “o fio da meada” discursivo; se trata de um uso [de *este*] *que revela* claramente a sua função de “ponto de apoio” discursivo, comportando-se como um *expletivo*. Apesar de este marcador ser frequentemente considerado como uma espécie de “muletinha”, razão pela qual *careceria de significado*, é inegável o fato de que preenche uma função no discurso: ajuda no *processamento e planificação discursiva*<sup>10</sup> [tradução nossa]

Chama a atenção e merece destaque o percentual de ocorrências do *este* metadiscursivo no total de ocorrência de itens analisados pela autora em função linguística de articulador do discurso:

---

10 No original: “[...] metadiscursivo está orientada a marcar las pausas que realiza el hablante para pensar entre una secuencia y otra, y mantener así el hilo de su discurso; uso que revela claramente su función como apoyatura, comportándose como un expletivo. Si bien este marcador a menudo se lo considera como una muletilla, por lo cual carece de significado, también es cierto que llena una función en el discurso: ayuda a procesar y a planificar el discurso”.



**Figura 2.** Percentuais de ocorrência de 8 marcadores discursivos na fala de Caracas  
 Fonte: Galué (2002, p. 44)

De acordo com o gráfico, o item metadiscursivo *este* é de longe o mais utilizado na fala de Caracas, aparecendo em 40% dos casos em que se tem o emprego do que seria um marcador conversacional.

Quando atentamos para a descrição pragmático-discursiva dos elementos metadiscursivos realizada por Galué, evidencia-se que o diferencial do marcador *este*, em relação aos demais analisados, não é apenas quantitativo, mas também qualitativo. Ao contrário dos demais marcadores, para os quais se identifica um significado apelativo (orientado ao interlocutor), ou valorativo (orientado ao conteúdo proposicional emitido pelo próprio falante ou pelo interlocutor), para o *este* metadiscursivo reconhece-se uma função que “Se limita ao processo contínuo da informação, sem valor semântico algum, atua como estratégia dos falantes para pensar.”<sup>11</sup> (GALUÉ, 2002, p. 44, tradução nossa).

Também Martínez (2004), baseando-se em dados do espanhol falado na Venezuela, reconhece o mesmo item metadiscursivo não como uma partícula cujo emprego incida sobre o conteúdo proposicional dos enunciados adjacentes, “Mas tão somente como uma pausa preenchida”<sup>12</sup> (p. 12, tradução nossa):

Em relação a este marcador, ocorre algo bastante peculiar [...] *talvez não possa ser tratado ( pelo menos não de maneira formal) como um marcador discursivo* [...] são necessários mais estudos para que se

11 No original: “se limita al procesamiento continuo de la información, sin valor semántico alguno”, “actúa como estrategia de los hablantes para pensar”.

12 No original: “sino tan sólo como una pausa llena”.

possa chegar a uma conclusão. (tradução livre)<sup>13</sup>. (MARTÍNEZ; URDANETA; DOMÍNGUEZ, 2004, p. 12, grifos e tradução nossos).

A carência de valor semântico da partícula *este* não permitiria tratá-la como um elemento do conjunto de marcadores no qual se insere, por exemplo, o marcador *bueno*. Seguindo o raciocínio dos autores, o *este* metadiscursivo da língua espanhola, por vezes classificado como marcador conversacional, apresenta características funcionais que nos permitem aproximá-lo de um prototípico *filler*.

No que diz respeito ao comportamento prosódico do item em discussão, Martinez, Urdaneta e Domínguez (2004, p. 12, tradução nossa) constatam que “[...] *este*, em média apresenta um decréscimo na curva da Frequência Fundamental equivalente a 9,8 hz, em 100% dos casos”<sup>14</sup>, ou seja, a direção melódica implicada seria sempre descendente.

Em relação ao espanhol falado no México, Butragueño (2003) faz menção a um comportamento melódico distinto. Abaixo um exemplo de enunciado transcrito a partir da fala, no qual se encontra o item metadiscursivo em discussão

(05) [los doctores] [este me dicen] [que debo de caminar una hora] (EM, CD 1-6-04:23)

|  
L\*+H

(BUTRAGUEÑO, 2003, p. 396)

O contorno descrito por Butragueño para o item *este*, no excerto de fala em questão, é L\*+H (tom baixo na sílaba tônica, seguido de tom alto na sílaba átona), portanto, um contorno ascendente<sup>15</sup>.

A diferença entre as análises de Martinez (2004) e Butragueño (2003), que consiste no fato de o primeiro identificar *este* como um *filler* de contorno descendente, e o segundo como um marcador discursivo de contorno ascendente, pode corresponder não apenas a uma variedade dialetal entre o espanhol falado na Venezuela e no México, respectivamente,

---

13 No original: “Con respecto a este marcador ocurre algo bastante particular [...] quizá no pueda ser tratado (a fines formales) como un marcador discursivo [...] (son necesarios más estudios para poder llegar a una conclusión)”.

14 No original: “este, en promedio, presenta un descenso en la curva del fundamental de 9.8 Hz. en el 100% de los casos”.

15 Dentre todos os exemplos citados por Butragueño (2003) no trabalho em consideração, o acima apresentado é o único para o item *este* que conta com descrição prosódica.

mas pode ser um indício da existência de dois itens metadiscursivos com a forma morfofonológica “este”: um *filler* e um marcador discursivo.

## Da metodologia da pesquisa

Com o fim de comprovar nossa hipótese, analisamos os parâmetros duração e variação tonal em 367 amostras de ocorrências metadiscursivas da palavra *este* em falas espontâneas do espanhol do México. O procedimento primário da investigação foi formação de *corpus* de análise, o que se efetuou por meio da coleta de vídeos no *website* YouTube.

Um dos critérios que delimita o *corpus* constituído é a macro-temática que orienta todas as conversações coletadas: um esporte, visto de diferentes pontos de vista (econômico, cultural, físico, etc...).

Outro critério é a região dialetal do espanhol escolhida. Para contornar possíveis dificuldades no tratamento dos dados, oriundas da heterogeneidade das variedades de espanhol, optamos por considerar apenas as mostras da variedade mexicana, uma opção arbitrária.

A opção pela seleção de vídeos primordialmente contendo exemplos de ocorrências metadiscursivas de *este* visa ao objetivo geral da pesquisa: investigar a existência de regularidades e irregularidades nas características acústicas do *este* metadiscursivo da língua espanhola, tendo as características acústicas do *este* referencial como medidas de comparação. Por esta razão, julgamos que as proporções entre o número de ocorrências de *este* referencial e *este* metadiscursivo seriam satisfatórias em uma razão de aproximadamente 1 para 3, respectivamente.

Como exposto anteriormente, nossa hipótese é a de que se são encontradas irregularidades acústicas entre mostras de *este* em uso metadiscursivo. Podem-se encontrar regularidades dentro das irregularidades, isto é, pode-se reconhecer a existência de diferentes padrões acústicos próprios da utilização do *este* metadiscursivo do espanhol, que seriam uma espécie de “significante”, um correlato físico de uma situação de uso, ou significado pragmático. Consideramos três possibilidades de interpretação pragmática para a partícula:

- Seleccionador
- Estruturador
- Focalizador

A categoria *seleccionador* serviu para classificar os casos em que o fato de o falante protelar a pronúncia de uma palavra isolada ou enunciado parece dever-se a uma busca pelo melhor termo ou pela melhor forma de apresentar uma ideia, quer seja do ponto de vista sintático ou estilístico. Trata-se de uma classificação que foi atribuída a todos os casos em que a hesitação do falante não aparentava dever-se a um “encaminhamento discursivo” propriamente dito, mas a um modo de apresentar um discurso elaborado desde um ponto de vista conceitual.

Vejamos o seguinte exemplo, retirado de nosso *corpus* de análise:

(06) [...] A los últimos días antes de irnos estamos, este... muy cansadas [...]

Fonte: Regresa a Coatzacoalcos bina medallista de oro en voleibol de playa de la olimpiada nacional – YouTube (1min4seg-1min8seg)

No trecho de fala acima, a hesitação expressa no *filler* “este” se dá antes da escolha do vocábulo que descreve o estado físico da falante e de suas companheiras de equipe em um momento pré-viagem. A combinação “advérbio de intensidade+adjetivo” parece ser o conteúdo proposicional exclusivo sob o escopo do *filler* anteriormente pronunciado. É interessante notarmos que, neste caso, a partícula inclusive cinde ao meio uma sentença copulativa, o que é uma evidência em favor de nossa hipótese: há um caminho discursivo previamente traçado, e expresso por meio de uma forma do verbo *estar*, um caminho que aponta na direção do relato sobre as condições físicas do grupo. A emissão do *filler* *este*, neste sentido, sinaliza a tarefa de enunciação do estado físico a ser mencionado, e talvez, mais especificamente, a tarefa de seleção do matiz com o qual será expresso o estado: opta-se pela palavra “*cansadas*”, e não por qualquer de seus sinônimos. Entendemos que se trata de uma necessidade de escolha pontual em uma espécie de “trajeto cognitivo” maior, já definido.

Quanto à categoria *estruturador*, serviu à classificação dos casos em que o falante parece postergar a pronúncia muito mais pela necessidade de atender à demanda comunicativa em si – paralelamente ao que ocorre quando se têm expressões de função fática – do que por estar buscando uma determinada forma em particular, independentemente de este labor também vincular-se ao momento de parada no fluxo discursivo<sup>16</sup>. Por exemplo:

---

16 Quando propusemos a distinção entre as categorias “seleccionador” e “estruturador”, logo nos deparamos com a referência feita por Watanabe (2003) ao trabalho de Sadanobu e Takubo (1995) sobre os *fillers* da língua japonesa, um estudo no qual os autores reconhecem um contraste entre os usos de “*eeto*” e “*ano*”, respectivamente, bastante semelhante ao das duas categorias por nós propostas: “*ano*” é utilizado quando o falante presta atenção especial à **forma** linguística, em geral, em situações de interação verbal com desconhecidos, sempre e quando a temática da conversação não demande uma “melhor resposta”, desde um ponto de vista do conteúdo informacional; já o *filler* “*eeto*” seria o preferido quando o falante de japonês ‘pensa consigo próprio’, sendo constatado, por exemplo, quando se está realizando uma atividade cognitiva como o cálculo (WATANABE, 2003, p. 2474).

(07) [...] Creo que seríamos la primera y única escuela que iría por el tricampeonato nacional, este... pues ha sido parte fundamental para que esto se esté dando. Fonte: Veracruz obtuvo medalla de plata en el torneo de voleibol de sala femenino – YouTube (1min21seg-1min25seg)

O excerto de entrevista acima traz um uso do *filler* “este” bastante interessante: o entrevistado, após a pronúncia da partícula, retoma um tópico discursivo anterior mudando a linha de raciocínio que até então vinha sendo desenvolvida. Neste caso, diferentemente do que ocorria no exemplo anterior, o *filler* não é utilizado em substituição a um item determinado da sequência discursiva, antes parece atrelado a toda a sequência em si.

Finalmente, a categoria *focalizador* foi utilizada para a classificação dos casos em que a expressão da palavra *este* não parece dever-se nem a uma busca pela melhor forma propriamente dita, nem ao cumprimento de uma “função fática reversa”; portanto, trata-se de uma categoria cuja definição é negativa. Esta última categoria foi utilizada para a classificação de casos em que *este* aparentemente figura no enunciado de maneira muito semelhante à dos marcadores discursivos. Vejamos o exemplo abaixo:

(08) Y mi papá en el otro o algo así, ya llegaron después, y este, y la muchacha así como que, pues ya vayanse... (risos)

Fonte: Alexa, Antes y después de Río 2da parte – YouTube (40seg-47seg)

No excerto de fala acima, a entrevistada utiliza a partícula *este* como espécie de concatenador das duas sequências narrativas do trecho do relato considerado: 1) a menção ao fato de que seu pai se encontrava “en el otro” recinto; 2) o comentário sobre a atitude de “la muchacha” responsável pela ordem do lugar em questão, atitude que a entrevistada procura descrever por meio da expressão “así como que pues ya vayanse”. É necessário observar que, neste exemplo, a pronúncia da partícula “este” se realiza sem qualquer pausa em relação ao restante do enunciado, quer se considere a metade antecedente ou a subsequente. Consideramos que, neste exemplo, a palavra *este* funciona de maneira semelhante a um marcador discursivo, embora a interpretação pragmática exata não tenha sido nomeada. O rótulo *focalizador* foi empregado para reunir casos similares a este, em que o emprego do *filler* não parecesse corresponder a um tempo de parada para a articulação discursiva. É possível que o termo “*partícula de progressão textual*” fosse aplicável à fala da ginasta Alexa que estamos considerando. Contudo, para englobar outros exemplos que escaparam às classificações selecionador/estruturador, e que se mostraram menos numerosas que os exemplos classificados nestas duas categorias, utilizamos a classificação *focalizador*, que não corresponde necessariamente ao fenômeno “pragma-prosódico” de focalização ou ênfase, mas que foi utilizada sobretudo com o fim de facilitar-se o cálculo estatístico.

Os trechos de fala acima, bem como os demais que constituem o *corpus*, foram selecionados com o auxílio do *software Audacity 2.1.3*: os arquivos em formato mp4 (vídeo) coletados do YouTube foram convertidos em arquivos de formato mp3 (áudio). Ainda utilizando-se o *Audacity* como instrumento, os áudios correspondentes às entrevistas foram segmentados em trechos, cada um dos quais contendo pelo menos uma ocorrência de *este*, seja em uso referencial ou metadiscursivo.

A segmentação dos áudios em trechos atendeu a dois diferentes critérios: a) inserção de *este* em um trecho de fala semanticamente interpretável; b) manutenção de *este* em uma unidade prosódica<sup>17</sup>.

Uma vez realizada a segmentação, cada trecho em formato mp3 obtido foi acusticamente analisado por meio do *software Speech Filing System*. Mais especificamente, com o *software* foram verificados os valores correspondentes aos parâmetros F0 (Frequência Fundamental) e Intensidade do trecho considerado. Após geradas as listas com os valores de F0 e intensidade de um dado trecho, nelas foram identificados os instantes correspondentes ao intervalo de pronúncia da palavra morfológica *este*, o que também foi feito por meio do *Speech Filing System*, utilizando-se a ferramenta de transcrição. Todas as ocorrências da palavra morfológica *este* tiveram seus valores de Frequência Fundamental e duração (em milissegundos) mensurados.

Entretanto, os valores absolutos inicialmente considerados mostraram-se pouco producentes para uma análise estatística. O motivo para a inviabilidade de uma análise com os valores absolutos é a heterogeneidade das mostras de fala: algumas são masculinas, outras femininas; dentro de cada um dos grupos, há registros de voz mais graves, outros mais agudos; além disso, cada falante apresenta um ritmo de fala particular. Estes fatores impossibilitaram que se tabulassem os valores de F0 e de duração tal como fornecidos pelo *Speech Filing System* e pelo *Exprosódia*. Para ambos os parâmetros, adotamos medidas de valor relativo, de maneira que se pudesse efetuar uma comparação entre os dados das diferentes mostras.

No que diz respeito ao parâmetro duração, as medidas absolutas de extensão temporal em milissegundos nos segmentos de cada ocorrência da palavra *este* foram consideradas em relação à duração média de segmentos circundantes, posteriores e/ou anteriores à mesma dentro do trecho analisado. Para tanto, foi utilizada ferramenta de teste Z do editor Excel. O teste foi realizado após ter-se efetuado o comando "Realizar avaliação interna da UBI" no *Exprosódia*. O teste Z é um teste estatístico cuja resposta obtida é o percentual probabilístico de que um evento seja aleatório em meio a outros eventos. No caso considerado, o evento consiste nas proporções encontradas na extensão dos segmentos de *este* frente às proporções dos segmentos de outras palavras no excerto de ocorrência.

---

<sup>17</sup> No momento da segmentação, a interpretação das fronteiras entre unidades foi impressionística.

A resposta obtida com o teste é um número cujos valores variam de 0 a 1, sendo as margens 0,5 e 0,95 os limites de normalidade de um evento, isto é: todo e qualquer evento cuja probabilidade de ocorrência seja menor que 0,5 e maior que 0,95 não se encontra dentro da curva normal, ou dentro do esperado, devendo ser analisado como um dado relevante. Foram computadas como articulações alongadas as ocorrências que, submetidas ao teste, devolveram um valor superior ao do limite (> 0,95).

**Quadro 1.** Valores determinantes da extensão relativa de este

Duração	Teste Z
Neutra	< ou = 0,95
Estendida	> 0,95

A realização do teste Z para a determinar a medida de duração de um segmento possibilitou que levássemos em conta o ritmo de fala particular do indivíduo, o qual consideramos constante, ou seja, *não variável*, dentro de um intervalo de tempo com extensão variando entre 3 e 7 segundos.

Já em relação à altura de voz, para o problema das medidas absolutas em hertz (Frequência Fundamental), a solução encontrada foi considerar os valores de F0 de este produzidos por um determinado falante, em uma dada mostra de fala em relação a outras medidas de frequência referentes à mesma mostra. Como observamos anteriormente, o *corpus* é constituído por falas femininas e masculinas: é sabido bem que o intervalo de frequência fundamental de uma voz feminina sempre possui valores mais altos que os da fala masculina, e mesmo se considerássemos apenas falas de indivíduos de um sexo, as variações de tessitura persistem. Como bem observa Cabedo-Nebot (2009, p. 117-118), "Um informante com uma F0 mínima de 100 hz y uma máxima de 150 hz apresenta uma faixa de extensão de frequência de 50 hz; ao mesmo tempo, outro informante pode apresentar uma distância entre 100 hz como F0 mínima e 190 hz como F0 máxima, de modo que estaríamos diante de outra faixa, de 90 hz<sup>18</sup>.

Este tipo de diferenciação entre os registros tonais dos indivíduos impossibilita que um valor absoluto em hertz (a unidade de medida de F0) por si só permita identificar uma entoação como sendo mais grave ou mais aguda: 190 hz, que para uma fala masculina

---

18 No original: "[...] un informante con una F0 mínima de 100 Hz y una máxima de 150 Hz, presenta un rango frecuencial de 50 Hz, mientras que otro informante puede presentar una distancia entre 100 Hz como F0 mínima y 190 como F0 máxima, por lo que estaríamos ante una diferencia de 90 Hz".

pode corresponder a uma fala bastante aguda, para uma fala feminina, cuja F0 ultrapassa 300 hz, seria um valor correspondente a um tom grave.

Contornamos este tipo de problema no momento das análises coma utilização de três medidas de tom médio da fala, as quais foram fornecidas pelo programa ExProsodia (vide Quadro 2).

O Tom Médio (TM), empregado por um determinado falante, em uma dada amostra de fala, e em um enunciado específico, é definido por Ferreira Netto (2016, p. 10) da seguinte maneira:

TM é a tendência central dos valores válidos de F0 calculada como a média aritmética acumulada no tempo. Os valores válidos mensurados são os momentos de F0 que cumprem as restrições de altura, intensidade e duração [...] chamadas de UBI (Unit of Base of Intonation) [...]

As restrições de altura, intensidade e duração, às quais faz menção o autor, correspondem aos valores mínimos para a identificação de uma UBI: “frequência > 50 Hz e < 700 Hz; intensidade suficiente para ser percebida e, garantidos estes critérios anteriores, duração maior do que 20 ms” (2016, p. 106).

A partir da medida do tom médio, são calculadas as medidas do tom médio superior, (correspondente a 3 semitons acima), do tom médio inferior (4 semitons abaixo), e do tom de finalização frasal (7 semitons abaixo), o que é feito em escala MIDI.

Uma vez em posse destas medidas de tom médio, as medidas absolutas de F0 da palavra *este* foram classificadas de acordo com 4 intervalos de altura relativos: (I) mais alto que o Tom Médio Superior; (II) simultaneamente mais baixo que o Tom Médio Superior e mais alto que o Tom Médio Central; (III) mais baixo que o Tom Médio Central e ao mesmo tempo mais alto que o Tom Médio Inferior; (IV) mais baixo que o Tom Médio Inferior e ao mesmo tempo mais alto que o Tom de Finalização. O quadro abaixo ilustra as classificações utilizadas referentes ao parâmetro altura

**Quadro 2.** As quatro faixas tonais definidas para a análise de *este*

<b>Intervalo</b>	<b>Altura relativa</b>
<b>I</b>	Acima do Tom Médio Superior
<b>II</b>	Entre o Tom Médio Superior e o Tom Médio Central
<b>III</b>	Entre o Tom Médio Central e o Tom Médio Inferior
<b>IV</b>	Abaixo do Tom Médio Inferior

***Este* referencial vs. *este* metadiscursivo: diferenças no parâmetro duração**

A tabela abaixo ilustra a distribuição dos dados de acordo com a duração e função linguística da palavra em estudo:

**Tabela 1.** Duração de *este* em função referencial e metadiscursiva

<b>Usos de “este”</b>	<b>Estendido</b>	<b>Neutro</b>	<b>Total</b>
Referencial	41	51	92
Metadiscursivo	224	143	367
Total	265	194	459

Submetidos a um Teste  $\chi^2$  de contingência<sup>19</sup>, os números acima remetem à seguinte distribuição de dados esperados:

---

19 Teste  $\chi^2$  de contingência é definido por duas variáveis: a função linguística da palavra e sua extensão segmental.

**Tabela 2.** Resultados do teste Quiquadrado de contingência (duração de *este*)

Usos de “este”	Estendido	Neutro
Referencial	53,12	38,88
Metadiscursivo	211,88	155,12

O resultado do Teste  $\chi^2$  de aderência entre os 4 valores referentes à intersecção das variáveis “função linguística” e “duração da palavra” no constituinte prosódico – ou seja, entre as tabelas 1 e 2 (excluindo-se os totais) – é igual a 0,0042, um valor bastante abaixo dos 0,05 que indicariam similaridade nas taxas de ocorrência de *este* enquanto adjetivo/pronome e item de valor metadiscursivo. De acordo com o teste de probabilidade estatística realizado, há, portanto, uma tendência relacionada à duração de *este* dentro da frase entoacional, a qual é dependente de seu uso discursivo ou metadiscursivo: quando adjetivo ou pronome, a palavra não apresenta alongamento vocálico, e o inverso ocorre quando é empregada metadiscursivamente (*filler* ou marcador discursivo).

Levando-se em conta que o total de ocorrências da palavra *este*, em função referencial, é igual a 92, e o número de ocorrências em função metadiscursiva, é igual a 367, as comparações entre o grupo de controle e o grupo analisado foram realizadas por meio de análises de percentuais: em 45% dos exemplos de *este* referencial (adjetivo/pronome), observou-se alongamento vocálico; nos demais 55% de ocorrências, a extensão do segmento vocálico final não se mostrou maior do que a dos demais segmentos da palavra. Concernente aos dados de *este* metadiscursivo, tem-se que em 61% dos casos a palavra apresenta um alongamento no segmento vocálico final, frente a 39% de ocorrências em que a duração observada não se mostrou maior do que a de qualquer elemento fonêmico do entorno imediatamente adjacente. A tabela 9 expressa os valores referidos:

**Tabela 3.** Percentuais de duração de *este* referencial e metadiscursivo

Usos de “este”	Estendido	Neutro	Total
Referencial	45%	55%	100%
Metadiscursivo	61%	39%	100%

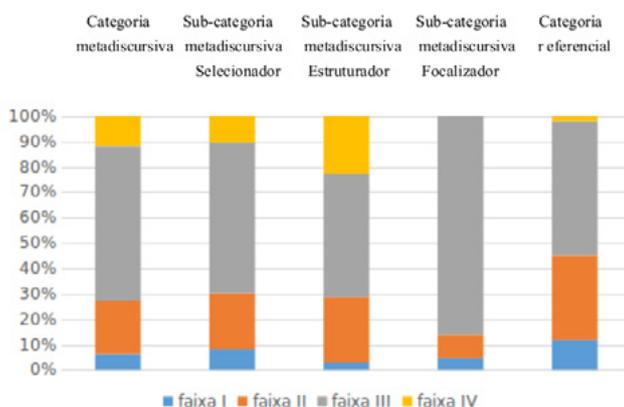
### Este referencial vs. este metadiscursivo: diferenças no parâmetro altura

Os percentuais de distribuição de *este* referencial e metadiscursivo dentro de cada uma das faixas tonais definidas é o seguinte:

**Tabela 4.** Percentuais sobre a tonalidade nas ocorrências de *este* referencial e metadiscursivo

Usos de “este”	I	II	III	IV
Adjetivo	7%	39%	52%	2%
Metadiscursivo	4%	21%	64%	11%

Os dois gráficos a seguir sintetizam os dados referentes aos parâmetros duração e altura obtidos no *corpus* analisado:



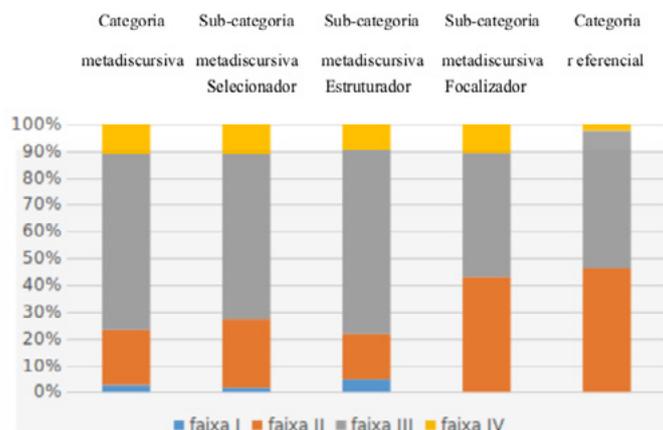
**Gráfico 1.** “Este” referencial e metadiscursivo por faixa tonal (duração neutra)

Verificando-se a primeira e a última coluna do gráfico acima, respectivamente correspondentes à função metadiscursiva de *este* tomada de maneira global (isto é, sem que se especifiquem as diferentes leituras pragmáticas), e à função referencial (adjetivo/pronome), podemos notar uma tendência à disparidade entre ambas, sobretudo no que concerne à faixa tonal IV (cor amarela): quando partícula metadiscursiva, a taxa de ocorrência de *este* na faixa tonal IV foi de aproximadamente 12% no *corpus* analisado – o que se expressa no intervalo escalar que vai desde 88% a 100% no gráfico de barras –, já quando em uso referencial (pronome ou adjetivo), a taxa de ocorrência da palavra na

mesma faixa de altura é de aproximadamente 1,8%. De acordo com os números obtidos nos dados de análise, a probabilidade de a palavra *este* ser pronunciada com entoação mais grave em relação ao tom médio de fala é sete vezes maior quando apresenta função metadiscursiva.

Porém, comparando-se a pequena taxa de ocorrência de *este* referencial na faixa IV com os percentuais de ocorrência de cada uma das três subcategorias metadiscursivas propostas separadamente, temos um panorama um tanto mais complexo: se a subcategoria *selecionador* acompanha a tendência geral da categoria metadiscursiva, sendo a sua taxa de ocorrência igual a 11%, no que diz respeito à subcategoria *estruturador* tem-se uma taxa de ocorrência de *este* que é aproximadamente igual a 22%. Neste caso, a probabilidade de ocorrência em relação à categoria referencial chega a ser quase treze vezes maior. Concernente à subcategoria *focalizador*, não apenas observa-se uma menor disparidade em relação ao uso referencial, como também uma disparidade que se dá no sentido contrário: se em relação às duas outras subcategorias metadiscursivas a ocorrência de *este* referencial na faixa IV tende a ser menor, em relação à subcategoria *focalizador* a tendência é maior, não havendo sido constatado nenhum caso de ocorrência de *este* focalizador na faixa tonal em questão.

Cabe salientar que as medições feitas no gráfico 1, acima, são referentes à pronúncia de *este* classificada como neutra, do ponto de vista da duração. Os mesmos tipos de medições foram feitos em separado para os casos de pronúncia estendida (alongada) do segmento vocálico final da palavra *este*; são as que se expressam no gráfico 2, abaixo:



**Gráfico 2.** “Este” referencial e metadiscursivo por faixa tonal (duração estendida)

Considerados os casos de pronúncia alongada de *este*, chama a atenção o pequeno percentual de ocorrência na faixa tonal I (acima do Tom Médio Superior). Novamente, a categoria metadiscursiva tomada como um todo se diferencia da categoria referencial:

se em relação àquela pode-se observar casos em que a entoação da palavra a posiciona em uma faixa tonal mais aguda em relação ao Tom Médio do falante (taxa de ocorrência de aproximadamente 2,5%), em relação à categoria referencial não se computou nenhum caso. Tomadas as subcategorias metadiscursivas separadamente, tem-se um percentual de ocorrência de aproximadamente 1,5% para a subcategoria selecionador, e de aproximadamente 5% para a categoria estruturador; no que diz respeito à categoria focalizador, não se computou nenhuma ocorrência da palavra na faixa tonal I, o que novamente nos permite aproximar seu comportamento ao que se observa para a palavra em uso referencial: em ambos os casos *este* não tende a ser pronunciado com tonalidade aguda em relação ao Tom Médio de fala.

Os dados por nós analisados fornecem as seguintes informações:

- Quando em uso referencial, o segmento vocálico final de *este* tende a ter pronúncia mais breve do que quando a palavra é utilizada metadiscursivamente;
- Quando a pronúncia de *este* não apresenta alongamento vocálico, as tendências de comportamento tonal da palavra, a depender da interpretação pragmática envolvida, se distingue mais claramente pela taxa de ocorrência de pronúncias mais graves em relação ao Tom Médio de fala particular do indivíduo;
- Quando *este* é pronunciado com alongamento vocálico final, as diferenças de comportamento tonal entre as distintas interpretações pragmáticas da palavra se fazem mais perceptíveis considerando-se os tons mais agudos com relação ao Tom Médio de fala regularmente empregado pelo indivíduo;
- Quer se considere a pronúncia neutra (não alongada), ou alongada de *este*, observam-se diferenças de comportamento tonal entre as subcategorias metadiscursivas;
- Independentemente de ter-se ou não uma pronúncia de *este* com alongamento vocálico final, quando a palavra pode ser classificada na subcategoria metadiscursiva focalizador, seu comportamento tonal tende a aproximar-se do comportamento observado para a palavra em uso referencial, e a distanciar-se do comportamento da palavra em outra função metadiscursiva (selecionador/estruturador)

## Conclusões

A palavra morfofonológica *este* apresenta diferentes tendências de comportamento prosódico, as quais se correlacionam com seus usos referencial e metadiscursivo: constatamos que, quando a palavra é usada referencialmente, como adjetivo ou pronome demonstrativo, seus segmentos tendem a ser mais breves que os que se observam em seu uso metadiscursivo.

No que diz respeito ao parâmetro altura, constatamos que, nos usos pronominais e adjetivais, a pronúncia da palavra costuma coincidir com a da linha do tom médio do enunciado, podendo haver pequenas variações em sentido descendente e ascendente. Em contrapartida, quando em uso metadiscursivo, a palavra morfofonológica *este* apresenta mais de uma tendência de comportamento tonal, podendo sua pronúncia corresponder a um intervalo de acentuada queda de F0 dentro do enunciado ou à manutenção de F0 próxima à linha do tom médio. No primeiro caso, tem-se associada a interpretação pragmática de seleção/estruturação discursiva. No segundo, as interpretações que se veiculam são quaisquer outras que não as duas anteriormente mencionadas, podendo corresponder à operação de progressão textual, operação de paráfrase, etc.

O mais interessante destes resultados se observa quando consideradas as subdivisões da função metadiscursiva. Enquanto as subcategorias “selecionador” e “estruturador” apresentam tendências de distribuição entre as faixas tonais paralelas à da categoria metadiscursiva, a subcategoria “focalizador” acompanha as tendências de comportamento tonal próprias da categoria referencial.

A existência de dois padrões entoacionais distintos no interior da função metadiscursiva de *este* é uma evidência em favor da hipótese formulada que deu origem à pesquisa: a de que a palavra *este*, quando não utilizada referencialmente, pode apresentar mais de uma função metadiscursiva.

Descrever interpretações pragmáticas de *este*, propondo classificações metadiscursivas que expliquem seu valor de uso de maneira mais detalhada, e identificar tendências entoacionais para estas categorias são tarefa para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

CABEDO-NEBOT, A. *Segmentación prosódica de la conversación coloquial: sobre el grupo entonativo como mecanismo demarcativo de unidades mínimas*. 2009. Tesis (Doctoral) – Universitat de València, València, 2009.

CLARK, H. H.; FOX TREE, J. E. “Using *Uh* and *Um* in Spontaneous Speaking”. *Cognition*, p. 73-111, 2002. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0010027702000173?via%3Dihub>. Acesso em: 22 mar. 2018.

FERRARA, K, Form and function of the discourse marker “anyway”: Implications for discourse analysis. *Linguistics*, v. 35, p. 343-378, 1997.

FERREIRA NETTO, W. (org.). *ExProsodia: resultados preliminares*. São Paulo: Paulistana, 2016.

FOX, B. A. Introduction. In: AMIRIDZE, N.; DAVIS, B. H.; MACLAGAN, M. (ed.). *Fillers Pauses and placeholders*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins [Typological Studies in Language 93], 2010. p. 1-11.

GALUÉ, D. Marcadores conversacionales: un análisis pragmático. *Boletín de Lingüística*, v. 18, p. 27-46, 2002. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/es/revista/boletin-de-linguistica/articulo/marcadores-conversacionales-un-analisis-pragmatico>. Acesso em: 19 jan. 2018.

MARTÍN-BUTRAGUEÑO, P. "Hacia una descripción prosódica de los marcadores discursivos – Datos del español de Méjico". In: MARTÍN-BUTRAGUEÑO, P. M.; HERRERA, E. *La tonía: dimensiones fonéticas y fonológicas* (Estudios lingüísticos y literarios / Linguistic and literary studies) (Spanish Edition) January 1, 2003. Disponível em: <https://lef.colmex.mx/Sociolingüística/Entonación%20del%20español%20mexicano/Marcadores%20discursivos.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2017.

MARTÍN-ZORRAQUINO, M. A.; PORTOLÉS, L. J. Los marcadores del discurso. In: DEMONTE, V.; BOSQUE, I. (coord.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v. 3 (Entre la oración y el discurso. Morfología). Madrid: Espasa-Calpe, 1999. p. 4051-4214.

MARTÍNEZ-HERNÁNDEZ, D. Análisis pragmaprosódico del marcador discursivo bueno. *VERBA*, v. 43, p. 77-106, 2016. Disponível em: <http://www.usc.es/revistas/index.php/verba/article/view/1888>. Acesso em: 23 nov. 2017.

MARTINEZ, H.; URDANETA, L.; DOMÍNGUEZ, C. L. Estudio fonético-sintáctico de algunos marcadores discursivos: propuesta de formalización para desambiguarlos automática o informáticamente. *Lengua y Habla*, v. 8, p. 57-79, 2003-2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4003973>. Acesso em: 05 mai. 2018.

WATANABE, M. The constituent complexity and types of *fillers* in Japanese. *Proceedings of the 15 th International Congress of Phonetic Sciences*, Barcelona, p. 2473-2476, 2003. Disponível: [https://www.internationalphoneticassociation.org/icphs-proceedings/ICPhS2003/papers/p15\\_2473.pdf](https://www.internationalphoneticassociation.org/icphs-proceedings/ICPhS2003/papers/p15_2473.pdf). Acesso em: 09 nov. 2017.

WATANABE, M.; ROSE, R. Pausology and hesitation phenomena in second language acquisition. *The Routledge Encyclopedia of Second language Acquisition*, p. 480-483, 2012.

WENNERSTROM, A. *The music of everyday speech – Prosody and Discourse Analysis*. New York: Oxford Press, 2001.